

Prémio Champa

Uma ideia louca para tr

O prémio celebra este ano os espectaculares resultados conseguidos por uma abordagem pioneira de tratamento contra a cegueira dos rios, que fazia os africanos fugirem das terras férteis, já chega

● Imagine-se um país agrícola onde as pessoas fogem dos campos mais férteis porque, na proximidade dos cursos de água, alastra uma doença transmitida por uma mosca que não poupa ninguém. Migram para sítios mais áridos, onde a pobreza e a fome se tornam reinantes. Imagine-se, nas aldeias atingidas, as crianças tiradas da escola para tratar dos seus avós, cegos pela doença - ou para substituir no trabalho do campo familiares doentes e incapacitados. Imagine-se outras crianças, já doentes também elas, a coçar-se constantemente e a serem ostracizadas e repudiadas pelos colegas e vizinhos por causa das suas repelentes lesões cutâneas e do perigo de contágio. Imagine-se não conseguir dormir porque a comichão nunca pára. Imagine-se as lesões infectadas de tanto coçar. Imagine-se que existe um tratamento simples e nem sequer muito caro para a prevenir, mas que os medicamentos nunca chegam às regiões longínquas onde vivem as pessoas em risco.

Essa doença existe e chama-se oncocercose ou, mais comumente, "cegueira dos rios". É uma das maiores causas de cegueira na África subsariana - e 99 por cento dos casos desta doença ocorrem naquela região do mundo.

Há menos de duas décadas, chegava a cegar metade da população adulta de certas regiões da savana africana. Hoje, graças a uma abordagem pioneira lançada em 1997 pelo Programa Africano de Controlo da Oncocercose (APOC), tornou-se possível vislumbrar, num futuro mais ou menos próximo, a eliminação da oncocercose em muitos dos países afectados. Por essa razão, o APOC foi escolhido para receber este ano o Prémio António Champalimaud de Visão.

A oncocercose é uma doença parasitária transmitida por moscas pretas que pululam na proximidade de rios e riachos. Quando uma daquelas moscas pica uma pessoa infectada, aspira larvas filamentosas (microfilárias) de um verme parasita, o *Onchocerca volvulus*. As larvas continuam o seu desenvolvimento no organismo da mosca e, uma a três semanas mais tarde, ficam prontas a infectar as pessoas que a mosca vier a picar. No organismo de um novo hóspede humano, essas larvas mais desenvolvidas deslocam-

se debaixo da pele, formam nódulos e tornam-se adultas, dando origem a autênticos emaranhados de vermes dos dois sexos. Quando os vermes adultos (que podem viver até 15 anos!) acasalam, libertam por sua vez milhares de microfilárias que se espalham pelo corpo da vítima, atingindo nomeadamente os olhos. Nos tecidos afectados, as microfilárias, ao morrerem (às centenas de milhares, numa pessoa infectada de longa data), provocam uma reacção tóxica que se traduz por uma comichão intensa e ininterrupta e diversos tipos de lesões cutâneas mais ou menos horríveis. Nos olhos, a reacção inflamatória leva a perdas incapacitantes da acuidade visual que, sem tratamento, podem evoluir para a cegueira total.

Doença esquecida

Porque é que a cegueira dos rios não tem a fama, o *high profile* da malária, por exemplo? Uma das razões é, provavelmente, o facto de ser muito raramente mortal. Outra será o facto de não afectar geralmente os viajantes ocidentais, pois é preciso uma exposição prolongada às picadas das moscas para a contrair. No entanto, numa série de países africanos, a doença era, até há pouco tempo, uma fonte de pobreza e de atraso económico, uma vez que as pessoas fugiam das áreas de risco, o que afectava a produtividade agrícola e o desenvolvimento económico daqueles países.

Existe há várias décadas um medicamento, a ivermectina (dos laboratórios Merck), que paralisa e mata as microfilárias e que também trava a reprodução dos vermes adultos. Uma dose anual de ivermectina permite prevenir a cegueira e alivia os sintomas cutâneos da oncocercose. Em 1987, a Merck comprometeu-se a fornecer gratuitamente o medicamento durante o tempo que fosse necessário. Mas os programas de distribuição da ivermectina nos anos que se seguiram não se revelaram suficientemente eficazes porque não conseguiam atingir todas as pessoas em perigo de contraírem a doença.

O APOC, criado em 1995 sob a égide da Organização Mundial da Saúde, numa parceria entre organizações não governamentais, governos e doadores privados, conseguiu fazer essa distribuição.



Champalimaud de Visão a atar a cegueira dos rios

luta contra uma doença tropical esquecida, lançada há 15 anos à escala do continente africano. Hoje a 70 milhões de pessoas. *Por Ana Gerschenfeld*



Uche Amazigo e Paul Samson Lusamba-Dikassa esta semana na Fundação Champalimaud em Lisboa

O seu objectivo é particularmente ambicioso: eliminar a doença enquanto problema de saúde pública nos 19 países africanos que envolve, entre os quais estão Angola e Moçambique.

“Nós falamos sempre em eliminar e não em erradicar a doença”, explicou ao P2 a nigeriana Uche Amazigo, que foi directora do APOC de 2005 a 2011, tendo sido substituída em Abril por Paul Samson Lusamba-Dikassa, da República Democrática do Congo. Ambos os especialistas vieram a Lisboa para receber, ontem ao fim da tarde, o galardão de um milhão de euros. “Eliminar significa fazer com que o parasita deixe de ser um problema de saúde pública, que a sua presença se torne tolerável.” E acrescenta: “A nossa previsão é que, em 2020, o mapa da oncocercose em África ficará imensamente reduzido e que um certo número de países ficarão livres da doença.”

Power to the people!

O segredo do sucesso desta operação de luta, que arrancou em 1997, contra uma doença parasitária à escala de um continente foi o que os técnicos chamam o “tratamento com ivermectina dirigido pela comunidade” (CDTI) - o que, nas palavras de Amazigo, consiste simplesmente em “dar às pessoas pobres um nível de autoridade, de controlo, que lhes permite tomar decisões acerca da sua própria saúde”. Existe uma palavra para isso em inglês: *empowerment*. Hoje, a palavra está na moda, toda a gente a conhece, mas em 1995 era uma ideia “difícil de vender” aos parceiros do APOC. “Os médicos quase que nos perguntavam se não tínhamos enlouquecido”, diz Amazigo. “Iamos permitir que pessoas sem instrução mexessem em medicamentos e os distribuíssem? Tencionávamos transformar iletrados em minimédicos?”

Mas o CDTI funcionou de forma espectacular e os responsáveis pelo APOC souberam rapidamente que estavam no caminho certo. “Antes do APOC, cerca de 1,5 milhões de pessoas tinham acesso ao tratamento”, frisa Amazigo. Em 1997 notou-se uma melhoria, mas os dois anos seguintes foram decisivos. “Em apenas dois anos (1998 e 1999), o número de pessoas tratadas

com ivermectina quadruplicou, passando de 4,5 para 20 milhões.” Hoje em dia, 70 milhões de pessoas estão a ser assim protegidas contra o parasita da oncocercose. Em 2015, o APOC pensa poder tratar, por ano, mais de 90 milhões de pessoas nos 19 países envolvidos, protegendo assim uma população em risco de 115 milhões de pessoas e prevenindo 40 mil casos de cegueira por ano.

“Quando a doença é apanhada suficientemente cedo, a ivermectina trava e faz regredir a perda de acuidade visual”, explica-nos ainda Amazigo. A melhoria foi notada, em particular, pelos alfaiates, exemplifica, que graças ao tratamento recuperaram a visão suficiente para serem outra vez capazes de utilizar as máquinas da sua profissão... “Foi há alguns anos, ficaram muito entusiasmados”, diz Amazigo.

“Uma das coisas que permitiu convencer os decisores e os doadores de que o CDTI funcionava”, acrescenta por seu lado Lusamba-Dikassa, o director recém-nomeado, “foram os nossos resultados científicos”. De facto, uma característica da abordagem do APOC desde o início, enfatizam ambos, tem sido a constante avaliação científica do trabalho realizado no terreno.

Na sua deliberação, o júri do prémio reconheceu o carácter excepcional do trabalho realizado pelo APOC: “Através do CDTI, que coloca a responsabilidade pela distribuição do medicamento directamente nas mãos das comunidades que dele precisam, o APOC responde com uma eficácia única ao desafio que consiste em atingir populações rurais pobres que se encontram ‘no fim da estrada’.” E conclui: “São cada vez maiores as expectativas de que o APOC irá conseguir, num prazo realista, eliminar de forma permanente a transmissão [do parasita] - e, um dia, a necessidade de continuar a tratar as populações contra a oncocercose.”

O sucesso contra a cegueira dos rios também está a inspirar e a revelar-se útil na luta contra outras doenças. Por exemplo, as mesmas pessoas que distribuem a ivermectina nas suas aldeias deverão passar a distribuir redes insecticidas contra os mosquitos da malária.